

Náufragos ou Suicidas?

Prof Helgo Max Seitz – FEA

Afinal o que seremos, náufragos ou suicidas?

Náufragos se acidentam, suicidas se exterminam, os primeiros resistem, os últimos insistem, o fato é que ambos podem ter o mesmo fim, nos primeiros, indesejável, já quanto aos últimos, deliberadamente provocado.

Quando analisamos os números que temos quanto à composição dos Centros, faculdades e respectivos departamentos, a relação do número de vagas oferecidas nos vestibulares e o das matrículas de alunos pagantes efetivadas, quantidade de professores por cursos, departamentos e alunos que efetivamente mantêm suas contribuições de forma regular; os resultados do Enade ou outros instrumentos de avaliação correlacionados com a quantidade de docentes por categoria em cada uma destas situações, uma equação complexa que excede a simples análise das margens de contribuição até aqui timidamente sugeridas, perceberemos que ao sairmos das médias aritméticas generalistas, e, passarmos a verificar em profundidade a realidade de cada curso, enfrentaremos uma imposição inadiável quanto ao que fazer, distorções a corrigir, ajustes e aperfeiçoamentos possíveis a implementar.

É imperativa a reunião de cursos por afinidade em Institutos, a conversão de faculdades em departamentos e sua reorganização em áreas epistemológicas, por exemplo, nos moldes em que operamos na Administração (vide artigo “Um passarinho me contou”), o estabelecimento de critérios mínimos para a constituição das instâncias administrativas frente a sustentabilidade necessária para recuperarmos nossa capacidade de investimento e a inadiável atualização de nossa inadequada infra-estrutura.

Se a isonomia financeira entre professores com as mesmas atribuições e titulação é uma meta a ser perseguida, por que o mesmo critério não pode ser aplicado aos centros, faculdades, departamentos e cursos da instituição, respeitadas suas diferenças didáticas?

O que justifica a manutenção de estruturas administrativas e acadêmicas com números tão díspares como os que observamos nas diversas áreas do conhecimento que compõem nossa instituição?

O que faz com que esta construção perversa, atribuindo a alguns os critérios que não são permitidos a todos, se perpetue?

Uma Universidade de excelência não se sustenta com critérios diferenciados em “cursos de alta procura” versus “cursos de relevante contribuição acadêmica”, mas sim com cursos de excelência e sustentabilidade em todas as áreas, uma meta que devemos perseguir sem tréguas. Nem náufragos, nem suicidas, excelentes e sustentáveis como um todo é a resposta desejada.